

ENTREVISTA / BEATRIZ COELHO SILVA, JORNALISTA, PESQUISADORA E ESCRITORA

Sérgio Costa/Divulgação

Jornalista com passagens por veículos como Rede Globo, O Globo e O Estado de S. Paulo, Beatriz Coelho Silva é mestre em Letras com especialização em História do Brasil. Uniu o gosto pela apuração com o rigor científico em seus trabalhos editoriais. Sua obra mais recente, “Quando vem da alma de nossa gente – Sambas da Praça Onze”, é a continuidade natural do trabalho anterior da autora, “Negros e Judeus na Praça Onze”, que foi adaptado para musical homônimo. Na conversa a seguir, ela fala ao Correio da Manhã do resultado das pesquisas realizadas em torno de um espaço que cidade pôs abaixo, mas que sobrevive no imaginário coletivo através de sambas de todos os tempos.



Seu mais novo livro surge como uma continuidade do seu trabalho anterior sobre a Praça Onze. De onde nasceu esse interesse específico na região?

Beatriz Coelho Silva - Sempre gostei de samba e, há uns 40 anos, li o livro de Roberto Moura, “Tia Ciata e a Pequena África do Rio de Janeiro”, acho que o primeiro título sobre o bairro. Me encantei pelo assunto. No início dos anos 2000, soube pelos filhos de Samuel Malamud, um líder da comunidade judaica carioca, que os judeus também chegavam na Praça Onze, como, aliás, boa parte dos imigrantes pobres que aportavam ao Rio na primeira metade do século XX. Havia judeus, árabes, ciganos, espanhóis, brasileiros brancos e negros vindos de vários Estados, gente que fugia da fome, de perseguições religiosas, étnicas ou políticas, às vezes, de tudo isso. Fiquei interessada nessa mistura que, como diz o escritor Ronaldo Wrobel (judeu e autor do romance “Traduzindo Hannah”), tornava o bairro cosmopolita, mas um cosmopolitismo pobre. Muitas religiões, costumes, culinárias, idiomas e sotaques misturados, uma verdadeira pororoca, cuja maior expressão é o

‘Não haveria samba sem a música dos negros, mas o samba é mais que isso’

samba. O samba tem semente negra, mas muitos outros elementos o compõem. Não haveria samba sem a música dos negros, mas o samba é mais que isso.

E o que a motivou a revisitar e aprofundar a história desse local tão emblemático, desta vez sob uma narrativa poética-musical?

Em 2015, lancei o livro “Negros e Judeus na Praça Onze - A história que não ficou na memória”. Àquela época, pouca gente falava de judeus

(ou outros grupos culturais que não os negros) no bairro. E havia um movimento entre os judeus nascidos após a demolição da Praça Onze, de retomá-la como território de sua História. Então, o livro vendeu muito, cerca de 2.000 exemplares e só não vende mais porque está em poucas livrarias. Pensei em fazer um filme sobre o livro, mas é muito caro e difícil. Aí, produzi uma peça de teatro “Negros e Judeus na Praça Onze – o musical”, em 2017. Como não sou dramaturga, usei as músicas

sobre Praça Onze para contar a história. Assim, tem “Conversa de Botiquim” para falar dos bares (Noel Rosa frequentava), “Batuque na Cozinha” para falar das festas (João da Baiana é nascido lá) e por aí vai. Paulão 7 Cordas fez a direção musical e produziu versões instrumentais das músicas. Teve récitas lotadas e a peça está aí, para quem quiser montar. Uma professora da Letras da UFRJ, Luciana Nascimento, levou os alunos para assistir e fazer um trabalho e me disse: “Essas músicas

são crônicas, faça um mestrado com elas”. Este livro é a dissertação reescrita em linguagem de gente porque o texto acadêmico é muito chato, né?

O livro dissecou 14 canções que criaram uma mitologia sobre a Praça Onze, uma mitologia que perdura até hoje. Como você chegou a esse repertório?

Tem uma inglesa muito interessante, Daniella Thompson, cujo blog lista as músicas sobre a Praça Onze (<https://daniellathompson.com>).